

# CONVITE

A Assembleia da República  
tem a honra de convidar V. Ex.<sup>ª</sup>  
para a inauguração da exposição  
**CINQUENTA ANOS A FAZER P.ARTE,**  
de António Colaço.

4 abril 2019 / 17h30 (após Plenário)  
Pliso 0 do Palácio de São Bento



A exposição está patente  
até dia 4 de maio.

RSFF: 21391 41 15  
[dmc.correio@ar.parlamento.pt](mailto:dmc.correio@ar.parlamento.pt)

Entrada pela receção lateral  
do Palácio de São Bento.





## DE QUE FASES, O QUE FAZES, ANTÓNIO ?!

Não vivo para pintar, PINTO PORQUE VIVO.

Assim sendo, parece não fazer muito sentido comemorar uma data, no caso, CINQUENTA ANOS, de vivência plástica, no que à pintura, escultura, mas também outras artes performativas, diz respeito.

Então, qual o verdadeiro motivo porque parece ter-se parado no tempo para olhar para trás e concluir que, afinal, há um percurso, um caminho e que até é possível encontrar fases nele. Confesso, foi este olhar para trás, de forma distanciada, tentar perceber porque fases passou este meu fazer, que me fascinou. De facto, são cinquenta anos a “ir a mundos onde ninguém esteve”, como o pai de Paula Rego caracterizava a missão do artista o qual tinha depois como que a missão de mostrar esses mundos.

Dou, assim, por mim a viajar pelos mundos a que fui e fixei-me no longínquo ano de 1969 de que consegui, afortunadamente, trazer um óleo com que caracterizaria a minha fase cosmológica, algo titubeante, mas que fiz questão de para aqui convocar. Tentando manter uma coerência em relação ao princípio inicialmente afirmado, desisti de um texto gongórico, cheio de afirmações conceptuais que ninguém perceberia, à semelhança das habituais e enfadonhas críticas de exposições dos media escritos da nossa praça, tentando explicar o inexplicável, não raro, exercícios narcísicos de críticos, tecendo elogios que o mainstream lhes exige e com que asseguram, não só a própria sobrevivência, como a da continuidade da situação. É aqui está a chave para compreender de quantos nomes se faz um nome. Não cairei pois nessa tentação.

Nos cinquenta trabalhos agora expostos, dos, seguramente, muito mais que quinhentos em que me perdi, desde o figurativo, ao surreal, passando pelos ready made, a acabar na tão obsessiva quanto gestual caligrafia a invadir o território gráfico assim composto, queria destacar os dois momentos, ambos quase terminais, e que, afortunadamente, mobilizaram o melhor de mim: o grande incêndio que quase reduziu a cinzas o concelho de Mação, e que aqui chega através de obras construídas a partir de incendiadas alfares, que sendo particulares, significam e falam por todo um concelho reclamando por justiça. A arte é, assim, a fala dos injustiçados. O segundo, espelhado na obra, RECONSTRUÇÃO DE MIM, que regista a AVECISTA experiência que, desde há um ano vivencio, porque, afortunadamente, lhe sobrevivi.

Para terminar, o privilégio de poder cantar a data libertadora de 25 de Abril de 1974, plasmada na Chaimite PALAVRIL, com que celebro a heróica gesta da devolução ao povo das PALAVRAS AMORÇADAS.

Agradecendo a TODOS, cujos NOMBRES estão guardados no meu coração, e que tornaram possíveis estes dias de cinquentenária celebração, permitam-me que convoque para aqui a generosa reflexão do meu querido amigo Jaime Gama, antigo Presidente da Assembleia da República. É uma reflexão com uma exigência dentro e que aqui quero reafirmar:

*“Místico desterrado em ambiente político trepidante, alheio a manobras vulgares, emocionalmente envolvido e reconhecidamente afável na convivência de todos os dias, António Colaço é, paradoxalmente, o oposto por excelência do spin doctor tão apreciado pelas modernas estratégias de marketing e comunicação. Porém, a arte é a sua libertação, não a sua fuga. Um caso isolado? Uma exceção? Todos os que com ele conversam, e os que admiram a sua obra, sabem à saciedade que ele é, sobretudo, de um valor intrínseco a toda a prova. E é dessa autenticidade que são feitos os únicos valores que perduram”.*

Não posso esquecer, de forma alguma, a saudosa evocação do meu querido amigo e decano dos Jornalistas Parlamentares, Mário Oliveira Figueiredo, que desde a primeira hora me incentivou a continuar, deixando-me o desafio que perdurará até ao fim dos meus dias, afirmando que “os quadros de António Colaço são, além de tudo, um convite à contemplação estética e reflexiva acerca da comunicação possível através da beleza da forma e da cor”.

Um apelo final, em coerência com estes cinquenta anos, quero continuar a fazer parte das vossas vidas tanto quanto quero que continuem a fazer parte da minha própria vida.



António Colaço

Nasceu em Gavião (Alto Alentejo), Janeiro de 1952.

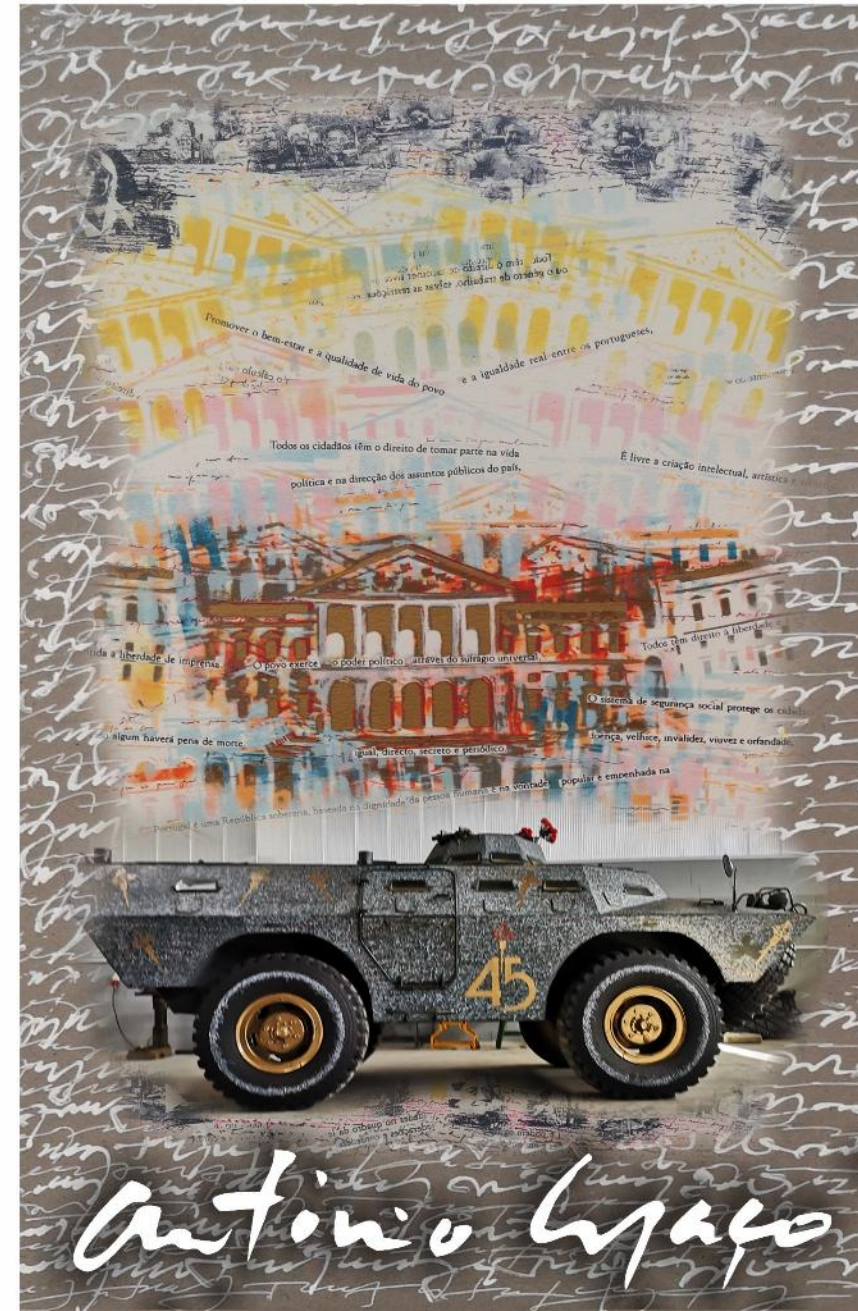
### COLECTIVAS

Jovens artistas na DOUREFEX, (Porto, Maio de 1971).  
EXPO ARTES PLÁSTICAS, Convento S. Domingos (Abrantes, Junho de 1979).  
COLECTIVA de artistas residentes / naturais, Museu Calado Rodrigues (Mação, 1982).  
COLECTIVA D'ARTE, Convento S. Domingos (Abrantes, 1984).  
ARTE COM TIMOR, Palácio Galveias (Lisboa, Dezembro de 1991).  
COLECTIVA 75 anos de Abrantes cidade, Convento S. Domingos (Abrantes, Junho, 1991).  
COLECTIVA de Pintores Abrantinos, “Antes Artes” (Abrantes, Setembro/Outubro de 1996).  
VIVE ARTE EM ABRANTES, Colectiva, Galeria Municipal (Abrantes, 1-24 Junho, 2001).  
PEQUENO FORMATO, Colectiva, Galeria Municipal (Abrantes, 13 NOV-10 DEZ 2010).  
100 ANOS DE ARTE EM ABRANTES – Galeria Municipal (Set/Dez 2016).

### INDIVIDUAIS

Caminhos da Coragem, Secção Cultural Pego (Pego, Março de 1979).  
Perto do Princípio, Convento S. Domingos (Abrantes, Janeiro de 1983).  
Um Silêncio Assim, Bar Botequim (Lisboa, Março de 1990).  
Vem, Divino Espírito Santo, Casa do Povo (Gavião, Novembro de 1990).  
Cachas de Mudança, Clube dos Jornalistas (Lisboa, Janeiro de 1991).  
Restos, Rastos e Alguns Rostos, Livraria de S. Bento 34 (Lisboa, Abril, 1992).  
Restos, Rastos e Alguns Rostos, Centro Cultural de Santarém (Maio de 1992).  
BenVideos a S. Bento, Livraria S. Bento 34 (Lisboa, Outubro, 1993 - com Francisco Feio).  
Idem na residencial Lirius (Abrantes, Outubro, 1993).  
Invenção do Paraíso, sala GP/PS (Lisboa, Palácio S. Bento, 24, Fevereiro, 1999).  
Perto do Princípio II, Aldeia em ruínas de Chão do Brejo (Mação, 24 Junho 1999).  
ABRANTOPIA, Café O Chiado (Abrantes, 26 Nov-26 Dez 1999).  
30 ANOS DE PINTURA, Internet, www.terravista.pt/portosanto/4102, 2002).  
de tanto olhar..., Galeria Municipal, (Abrantes, 12 Jan - 3 Feb 2002).  
de tanto olhar, Inauguração da Galeria da Livraria Parlamentar, (Assembleia da República, Lisboa, 11 Feb-7 Março, 2003).  
Abril, ânimos mil – Galeria Municipal de Abrantes, 3 – 30 Abril, 2004).  
Abril, ANIMOS MIL – Galeria da Associação 25 de Abril (Lisboa 16 Abril- 8 Maio, 2009).  
Perto do Princípio III – Galeria da Biblioteca Municipal de Aljustrel (6 Junho – 4 Julho, 2009).  
Perto do Princípio III – Capela dos Santos Reis, Messejana (15 a 30 Agosto, 2009).  
EM ÉVORA, SÉ ROMANO, PERDÃO, ALENTEJANO! – Hotel D.Fernando, Évora (8-30 de Maio, 2010).  
Idem – Galeria da Associação 25 Abril (28 MAI -16 JUN 2010).  
LISBOAS – 40 ANOS DE PINTURA – Museu Mãe d'Água, (Lisboa 12 – 30 Abril 2012).  
A ARTE NÃO EXISTE, A ARTE SOMOS NÓS – Hotel Sta Margarida (Oleiros Outubro 2012).  
Idem - Forum Montijo, (Montijo Janeiro 2012).  
PODERES – Palácio do Rato, Lisboa (Dezembro 2013-Janeiro 2014).  
Idem. Galeria da Associação 25 de Abril, Fevereiro 2014).  
Idem. Antiga EPAM, Abril 2014).  
ALMADA. TUDO E NADA – Almada Forum. (ALMADA 18-26 Feb 2017).  
TRIPLr a mundos onde ninguém esteve – Hotel TRYP (Montijo 17 Junho-Agosto 2017).  
CINQUENTA ANOS A FAZER PARTE – Assembleia da República (Lisboa 4 Abril-3 Maio 2019).  
CINQUENTA ANOS A FAZER PARTE – Galeria Municipal de Mação (Mação 5 Julho – 31 Agosto 2019).

### APOIOS



# CINQUENTA ANOS A FAZER P.ARTE

2019  
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA  
4 ABRIL A 3 MAIO

2019  
MAÇÃO  
GALERIA DO CENTRO CULTURAL ELVINO PEREIRA  
5 JULHO A 31 AGOSTO







LIBERDADE FELICITANTE

Estudante em Roma, fui a São Pedro muitas, muitas vezes, só para ver a Pietà. De um bloco de mármore, Miguel Ângelo arrancou a Pietà, que nos comove, e, imóveis, olhamos e olhamos... e contemplamos... o que lá está: a dor, a compaixão de uma mãe com o filho morto nos braços, toda a ternura compassiva do mundo, e mais e mais... E nunca nos cansamos de olhar... Aquele mármore é sempre mais do que mármore... Foi transfigurado, transfigurou-se.

Em Amesterdão, contemplei as célebres Botas de van Gogh. Ninguém as pode calçar. Para que servem? Mas são as botas mais caras do mundo. O que está lá? Todos os caminhos dos homens e das mulheres... as suas dores e sofrimentos, os seus sonhos e esperanças... infinitamente.

O artista, grávido de mundos, vê o que outros não vêem e ensina a ver o que se vê, sempre mais do aquilo que se vê. A arte é símbolo: uma presença que aponta para lá, sempre mais para lá, para uma ausência presente, para a transcendência... na coincidência.

Nestes 50 Anos de Arte, de **António Colaço**, o que há é todo o seu percurso de mostrar o que só o artista vê. Ele há uma terrina com furos e com máscaras: afinal, um corredor de almas... Ofereceu-ma a mim, e eu vi a força de um confessionário, na sua força de salvação e alívio na reconciliação. Ele há uma oliveira que ardeu e que é um Cristo crucificado, a suplicar a libertação da tragédia dos incêndios... e tantas outras tragédias também. Ele há uma tigela, que é outra coisa..., também há tijolos... e isso tudo é símbolo de uma reconstrução de alguém que passa por um AVC...

Ele há..., ele há... 50 anos de António Colaço a fazer-se, fazendo arte com muitas artes, transfigurando, e ensinando a ver o que se vê, mas, distraídos, não vemos...

Tudo sob o ícone de uma Chaimite, desmilitarizada, símbolo da liberdade: PALAVRIL. Na Assembleia da República, a Casa da Democracia. Daqui, em liberdade, se luta pela igualdade radical e pela fraternidade concreta. Um Evangelho: notícia boa e felicitante, como diz o étimo grego da palavra. A utopia, a realizar, de um mundo outro, possível e urgente.



Anselmo Borges  
Padre e Professor de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra



O **António Colaço** já nos habituou, há muito, a uma produção artística pouco “convencional”. Tenho o prazer de o conhecer há bastante tempo, a A25A teve o privilégio de receber na sua sede uma exposição dos seus trabalhos, os militares de Abril habituaram-se a ver nele um Homem de Abril, preocupado em enaltecer os valores que há 45 anos nos lançaram numa epopeia sem paralelo.

São disso exemplo, para além de outras obras, as serigrafias de que é autor sobre a Assembleia da República (Casa da Democracia, onde ele desenvolveu a sua actividade profissional por duas dezenas de anos) e sobre o Capitão de Abril Salgueiro Maia.

O nosso relacionamento fez com que hoje o considere um Amigo, amizade que me permitiu testemunhar a sua permanente e intensa actividade cívica que, sem querer ofender a política, considero a principal actividade a que um Homem se deve dedicar.

Podia remeter-me apenas à actividade artística, que seria suficiente para catalogar o António Colaço como “cidadão implicado e responsável”, mas não posso deixar de evocar a sua acção precursora das rádios livres.

Sim, liberdade que, como tenho constatado, é para o António Colaço um dos principais valores pelos quais vale a pena lutar! Por mais problemas que isso nos cause.

É nesse sentido que louvo a sua acção, defensor e praticante da máxima de que “A Arte pode e deve ajudar a Memória”, em pretender homenagear o 25 de Abril de 1974 e os seus autores, ao salientar a Libertação da Palavra, uma das principais consequências dessa acção libertadora.

Quis fazê-lo usando um dos símbolos/ícones desse já mítico 25 de Abril – a Chaimite.

Congratulo-me com o resultado, não me arrependo de, desde o início, ter apoiado esse seu desejo, que ajudei a concretizar.

A Chaimite que o António Colaço resolveu cobrir de uma Escrita que, porque não precisa, permite a cada um ler o que quiser ler, é uma das melhores homenagens que já vi prestar ao 25 de Abril.

As Palavras Amordaçadas antes de Abril estão todas contidas nas letras que o artista escreveu na Chaimite. Libertadas, permitem todas as leituras, que a vontade das mulheres e homens livres quiserem dar-lhes, pois hoje, passados 45 anos, todos temos o privilégio, transformado em direito, de usufruirmos da maior conquista de Abril, a Liberdade!

Obrigado, caro António Colaço, por incluir esta Chaimite na exposição com que celebra os 50 anos da sua vida artística.

Um grande abraço amigo



Vasco Lourenço  
Presidente da Direcção da Associação 25 de Abril

Há quarenta e cinco anos nascia em Portugal uma promessa de liberdade. Podemos dizer, com orgulho, que da promessa de liberdade fizemos uma democracia europeia e aberta ao mundo.

Caminhando a passos largos para meio século de democracia, entendo ser este o momento oportuno para um exercício coletivo de memória e para uma mobilização democrática com sentido de futuro.

Porque só honrando a memória estaremos preparados para enfrentar os desafios que temos pela frente.

A Assembleia da República, dentro dos seus recursos e no que estiver ao seu alcance, estará na linha da frente desse exercício.

Neste dia 25 de Abril de 2019, ao promover mais uma edição de O Parlamento de Portas Abertas, a Assembleia da República mantém-se fiel a Abril.

Ao fomentar, nos espaços parlamentares, no espaço público, uma cultura histórica democrática e cosmopolita, a Assembleia da República está a ser fiel aos valores de Abril.

E ao acolher a Exposição de **António Colaço**, a Assembleia da República está a ser fiel ao inconformismo que Abril legou.

É com enorme satisfação que abrimos hoje, de novo, no Dia da Liberdade, as portas da Casa da Democracia, as portas da Casa de todos os Portugueses.



Eduardo Ferro Rodrigues  
Presidente da Assembleia da República

É com enorme satisfação que a Câmara Municipal de Mação se associa a esta interessantíssima iniciativa de **António Colaço**. Um Artista que nos brinda novamente com uma instalação artística diferente, realçando a sua forma peculiar, arrojada e curiosa de fazer Arte.

A celebração dos “50 anos a fazer PArte”, aliada à comemoração dos 45 anos do 25 de abril, fazem deste um momento digno de registo, não só na sua história pessoal, mas também na memória de todos aqueles que terão a oportunidade de apreciar as suas obras de arte, em particular dos Maçaenses, que receberão no seu Concelho a Chaimite Palavril.

Esta iniciativa representa, na sequência da exposição que António Colaço ofereceu a Mação em 2018, mais uma manifestação de solidariedade e homenagem aos Municípios Maçaenses, que tanto sofreram com os incêndios em 2017.

Será, certamente para muitos, uma ótima ocasião para visitarem este Concelho, que agora se reergue com determinação e força para enfrentar o Futuro.



Vasco Estrela  
Presidente da Câmara Municipal de Mação